



PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO POPULAR: PERSPECTIVAS PARA A INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Marcelly Machado Cruz
Universidade de São Paulo

Cheron Zanini Moretti
Universidade de Santa Cruz do Sul

...
Eixo 3 – Educação, Trabalho e Emancipação

Nos cem anos do natalício de Paulo Freire, o estudo da vida e obra do educador brasileiro se mostra cada vez mais atual para pensarmos os temas e desafios de nossa época. Seu legado ecoa nos mais diversos campos do saber, sendo a interdisciplinaridade uma de suas marcas (ANDREOLA, 1999). Todavia, escassos são os trabalhos que colocam Freire em diálogo com os estudos sobre integração latino-americana. Ensejamos com este trabalho investigar como o pensamento de Paulo Freire contribui com fundamentos político-pedagógicos para uma integração latino-americana autêntica. Em síntese, como a educação popular, aqui sinônimo de educação libertadora, rompe com o modelo educativo hegemônico que difunde o projeto moderno/colonial e capitalista integracionista e ilumina o caminho rumo a uma integração autêntica, em um projeto de unidade latino-americana suleado pela ética universal do ser humano e não uma ética do mercado. Para tanto, nesta pesquisa qualitativa e bibliográfica são analisadas três obras do autor: *Pedagogia do oprimido* (2016 [1968]), *Pedagogia da autonomia* (2014 [1992]), *Pedagogia da indignação* (2019 [1997]) e *Cartas a Cristina* (2015 [1994]).

A América Latina, como uma totalidade histórico-estrutural heterogênea e complexa, tem sua história atravessada por lutas de libertação que conformam a práxis criativa de sua identidade; enquanto unidade geográfica e política, é inventada a partir da invasão colonial-imperial que inaugura a modernidade em 1492 (DUSSEL, 1993). A colonização e a violência de apagamento das epistemologias e cosmovisões autóctones unem a experiência dos povos latino-americanos, que vivem na permanente tensão dialética entre mudança e estabilidade. A herança colonial tenta sufocar as vozes do passado que ecoam no presente gritos de resistência e esperança; vozes que tecem

alternativas de outros mundos possíveis e sonham juntas uma sociedade nutrida pela pluriversalidade. O neoliberalismo, expressão atual do capitalismo, desagua na América Latina subordinando-a aos interesses da classe dominante burguesa, que, através de programas de ajuste estrutural e endividamento pelo crédito-consumo, condena os que aqui residem à ética necrófila do mercado.

Na história moderna da América Latina, a educação formal foi um dos eixos de sedimentação das ideologias dominantes e instrumento de subalternização pela classe no poder. Os modelos educativos hegemônicos, empregados ao longo de sua história, espelham a visão de mundo dessa classe, isto é, seu conjunto de valores, símbolos, normas, sentidos e significações. Esses modelos representam projetos de desenvolvimento societal que transbordam da educação para o campo político, econômico, social, cultural etc. (WEINBERG, 2020). No entanto, conforme Puiggrós (2016, p. 103, tradução nossa), “a história da educação latino-americana não tem sido linear, nem tem havido uma só proposta, nem os educadores têm aderido a um único programa”. Alternativas disruptivas florescem desde as margens da concretude de modelos educativos oficiais.

Os povos latino-americanos crítica e criativamente engendram ferramentas de reafirmação de sua autonomia, de sua agência epistêmica e política em oposição à violência e alienação imposta pela modernidade/colonialidade. A educação popular é uma dessas ferramentas. Nasce das margens, dos que foram esquecidos pela modernidade e sua promessa de progresso. Amplifica os gritos dos oprimidos e oprimidas, e apresenta um projeto político-pedagógico e pedagógico-político radicalmente comprometido com a transformação e justiça social. É alternativa pedagógica (ADAMS; MORETTI, 2019) para humanização dos oprimidos e oprimidas. Nas terras de Abya Yala, a educação popular encontra terreno fecundo para ser adubo das insurgências que aqui germinam; é ferramenta para conjecturar a integração latino-americana autêntica, desde o Sul.

Se compartilhamos o passado comum do colonialismo, como sistema de dominação e exploração material e subjetiva, e o presente insustentável do neoliberalismo na modernidade/colonialidade, esta experiência também nos une. A integração, como “movimento social dinâmico que os homens [e as mulheres] utilizam para juntos, se apoiando uns nos outros, poderem diminuir suas fraquezas e se desenvolverem” (GADOTTI, 1992, p. 89), reúne a vontade da unidade latino-americana; é uma viabilidade histórica em destaque na luta pela autonomia frente às violências (re)produzidas na

modernidade/colonialidade, ou seja, um inédito-viável que se põe mais além da situação-limite. Uma integração insubmissa, insubordinada e autêntica, ancorada em condições justas que não reproduzam relações de poder hierárquicas e desiguais entre as nações é a utopia latino-americana manifestada já em José Martí e Simón Bolívar. Conjecturar esta integração, que atende aos princípios de libertação e autonomia, passa, necessariamente, pelo estabelecimento de um modelo educativo que celebre a diversidade epistemológica, ontológica e cosmogônica enraizada em *Nuestra América*. Uma educação radicalmente democrática, libertadora e progressista: uma educação popular.

A educação popular é fruto das relações sociais e da realidade objetiva, complexa e descontínua. O compromisso político e pedagógico com homens e mulheres é a sua característica fundante, e não um método único ou uma história linear (PUIGGRÓS, 1994). É Paulo Freire, educador pernambucano brasileiro, quem realiza uma síntese global e praxística do acúmulo histórico da educação popular; em seu pensamento se encontram fios de continuidade crítica e criativa da herança libertadora dos intelectuais, líderes revolucionários e povos latino-americanos. Seu pensamento global e totalizante apresenta um projeto de sociedade com ênfase na educação. Coerente no seu quefazer, Freire demonstrou que a educação é um ato amoroso e rigoroso de crença na vocação ontológica dos homens e das mulheres e na consciência histórica como ferramenta de transformação: problematizar a realidade é tarefa de uma educação libertadora que possibilita o encontro do homem e da mulher consigo mesmos, na permanente busca da sua vocação em *ser mais* (FREIRE, 2016).

Freire (2019) enfatiza que a presença predatória do colonizador ambicionou aniquilar as culturas autóctones e solapar suas linguagens e identidades, isto é, extinguir a organização social que dá sentido a suas formas de vida. Na atualidade, esta presença se visualiza “pela dominação econômica, pela invasão cultural, pela dominação de classe, através de um sem-número de recursos e instrumentos de que os poderosos, neoimperialistas, se utilizam” (FREIRE, 2019, p. 86). No campo da educação, a interferência de organismos internacionais na formulação de políticas educacionais para a América Latina vai ao encontro, muitas vezes, de manter as consciências alienadas e imobilizar a ação transformadora. Essa ingerência representa, em uma leitura crítica, a continuidade de relações coloniais na dinâmica centro-periferia do capitalismo. É a ética do mercado caracterizada por Freire (2014) em “Pedagogia da autonomia” como

transgressão da ética universal do ser humano, que concentra riquezas e acentua desigualdades. Essa ética rege o neoliberalismo e desencoraja as utopias.

A integração que defendemos a partir de Paulo Freire compreende as culturas dialogicamente, concebendo suas diferenças em termos de diversidade na totalidade e não desigualdade. Uma integração autêntica fundada em um projeto de sociedade em que homens e mulheres não sejam proibidos de ser, mas, como seres inconclusos e inacabados que são, se encontrem na permanente busca do seu *ser mais*. (FREIRE, 2016; 1978).

Freire (2015) afirma que a luta histórica e política pela democracia é fundamento para a humanização de homens e mulheres. Sua vocação ontológica de *ser mais* só pode se concretizar em condições dignas em que haja justiça econômica, política, social e cultural. Enfatiza sua descrença na democracia eticizada pelo mercado, guiada pelo lucro, e faz a defesa de um Estado democrático que intervenha para garantir a solidariedade social. Freire rejeita a possibilidade de “não haver outro caminho para as economias frágeis senão acomodar-se, pacientemente, ao controle e aos ditames do poder globalizante” (FREIRE, 2019, p. 55). Opõe-se a formas de organização do poder que suprimem a autonomia dos países periféricos e operam políticas autoritárias que subordinam nossas decisões aos interesses do capital. Freire nos ensina, pela boniteza de sua práxis coerente, que as decisões não podem ser tomadas de cima para baixo, em caráter autoritário que despreza as reivindicações e necessidades do povo. A democracia se constrói no diálogo, na participação popular e cidadã de todos e todas e no poder que estes conquistam ao dizer a sua palavra.

Assim, a tarefa da educação não seria a de guiar as homens e mulheres e reescrever sua leitura de mundo com a visão de mundo do educador, em uma atitude colonial de invasão cultural, mas com eles dialogar para juntos e juntas desmistificar a realidade e construir conhecimentos para enfrentar situações violentas. Na leitura crítica de mundo, educandos/as entendem a si mesmos/as não mais como objetos, acomodados e adaptados, mas como sujeitos que se integram à realidade para modificar o seu entorno. Para transformar é preciso conhecer, por isso a educação é um ato político-pedagógico e pedagógico-político que nasce da situação gnosiológica em que homens e mulheres se comunicam e conhecem. É também tarefa da educação sonhar a utopia de um mundo onde a ética universal do ser humano impere, o que requer alternativas autorreferenciadas, críticas e construídas pelo povo para o povo (FREIRE, 2019; 2015; 2014; 1978).

Freire sempre mantivera um otimismo crítico e lúcida percepção sobre o papel da educação na sociedade. Não era ingênuo em depositar na educação a tarefa absoluta de transformação da sociedade. Sabia que a educação sozinha não pode tudo, mas que é ela um dos instrumentos fundacionais da democratização da cultura e o saber – é parte da totalidade. Freire contribuiu com sua pedagogia libertadora para um projeto de sociedade radicalmente democrática, onde homens e mulheres constroem ativamente o seu entorno e participam criticamente das decisões políticas que afetam sua realidade concreta. Deixou-nos palavras de esperança para romper com a alienação, a massificação e o autoritarismo para construir um outro mundo possível, pautado pela amorosidade e o respeito implicados no diálogo.

Quando pensamos na integração como unidade latino-americana para superação do pesado legado do colonialismo e do projeto civilizatório e desumanizante da modernidade/colonialidade que fragmenta a experiência comum, Freire desponta como referência intelectual e militante para fortalecer nossa luta em busca da integração latino-americana autêntica, insubmissa e insubordinada. Em sua defesa da educação como prática de liberdade, Freire postulou elementos fundamentais para conquista de nossa autonomia e libertação. Seremos libertos, *seremos mais*, apenas em uma sociedade onde todos e todas não mais sejam explorados e oprimido.

Palavras-chaves: Paulo Freire; Integração latino-americana; Educação popular; América Latina.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo; MORETTI, Cheron Zanini. Una reflexión sobre la educación en Nuestra América y sus alternativas pedagógicas. *In*: SOLLANO, Marcela Gómez; ZASLAV, Martha Corenstein (org.). **La disputa por la educación: tensiones y articulaciones en el marco de las reformas educativas en México y América Latina**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019. p. 77-105.

ANDREOLA, Balduino Antonio. Interdisciplinaridade na obra de Freire: uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade. *In*: STRECK, Danilo R. (org.). **Paulo Freire: ética, utopia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 67-94.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt**. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.